

Alberto Caeiro

### XXXIX — O mistério das coisas, onde está ele?

XXXIX

O mistério das coisas, onde está ele?  
Onde está ele que não aparece  
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?  
Que sabe o rio e que sabe a árvore  
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?  
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,  
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —  
As coisas não têm significação: têm existência.  
As coisas são o único sentido oculto das coisas.

s. d.

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993): 63.

“O Guardador de Rebanhos”. 1ª publ. in **Athena**, nº 4. Lisboa: Jan. 1925.